

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

RAIMUNDO RÊGO LIMA

SÃO FRANCISCO DE ASSIS – um homem santo

Anápolis
2021

RAIMUNDO RÊGO LIMA

RAIMUNDO RÊGO LIMA

SÃO FRANCISCO DE ASSIS – um homem santo

Monografia apresentada à Fundação São Miguel Arcanjo Faculdade Católica de Anápolis como requisito para conclusão do curso de Teologia, orientado pelo professor Me. Pe. Carlito Bernardes.

Anápolis –Go
2021

RAIMUNDO RÊGO LIMA

SÃO FRANCISCO DE ASSIS – um homem santo

Avaliado por:

_____ Nota: _____ + _____
Orientador

_____ Nota: _____
Avaliador

Média Final: _____

Data: ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus que me capacitou me dando força e sabedoria, para realizar este sonho. A minha esposa, aos meus filhos, aos meus irmãos e amigos que me apoiaram e me incentivaram nesta difícil jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao Bom Deus por ter me concedido a oportunidade de realizar este sonho de desvendar os seus mistérios. A Nossa Senhora por me acompanhar nesta estrada de novos conhecimentos. A São Francisco de Assis que me conquistou com seu exemplo de santidade e dedicação aos pobres, doentes e injustiçados e que pela sua perseverança me fortaleceu a não desistir do sonho de conhecer um pouco mais a vontade do Criador. Aos meus filhos Amanda, Pedro Jorge, Mariana, Helena Carolina e Gabriela que me incentivaram a voltar aos estudos, me ajudaram e me apoiaram nos momentos mais difíceis. Aos professores pela paciência e o empenho. Aos colegas pela amizade e companheirismo nestes quatro anos de convivência.

“Cântico do Irmão Sol”.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
A ti o louvor, a glória, a honra e toda benção.
A ti só, Altíssimo se hão de prestar
E nenhum momento é digno de te nomear
Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
Especialmente o meu senhor irmão sol,
O qual faz o dia e por ele nos alumia.
E ele é belo e radiante, com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela a irmão lua e as estrelas:
No céu as ascendeste, claras, e preciosas, e belas.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão vento
E pelo ar, e nuvens e sereno, e todo o tempo,
Por quem dás às tuas criaturas o sustento.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmão água,
Que é tão útil, e humilde, e preciosa e casta.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão fogo,
Pelo qual alumia a noite,
E ele é belo, e jacundo, e robusto e forte.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras.
Louvado sejas, ó meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor
e suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz,
Pois por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, ó meu Senhor, por nossa irmã
a morte corporal, à qual nem um homem vivente pode escapar
Ai daqueles que morrem em pecado mortal!
Bem-aventurados aqueles que cumpriram tua santíssima vontade,
Porque a segunda morte não lhes fará mal.
Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.

A VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS: um homem santo

RESUMO

Narra a vida de um homem que nasceu para ser santo. Desde seu nascimento e do batismo, fatos inusitados e extraordinário são narrados, sinalizando indício de um futuro carregado de acontecimentos incomuns. Vida transcorrida normalmente até a alcançar a idade adulta, quando tem início uma caminhada comprometida primeiramente em realizar o sonho de heroísmo em guerras, de tornar-se um nobre, tudo como é comum na vida de um jovem. Posteriormente depois de fracassos em batalhas, doenças, e alertas sobrenaturais através de sonhos e visões, apesar de batizado e frequentar a Igreja não era um cristão totalmente convertido aos dogmas do catolicismo, após a conversão, passa a dedicar-se exclusivamente ao anúncio do Evangelho, aos pobres, marginalizados e doentes. Conhecer a trajetória de São Francisco de Assis na sua passagem por esta vida e nuances ocorridas durante sua existência terrena. Pesquisa em livros, trabalhos científicos, literatura bíblica e teológica e internet.

Palavras chave: nascimento, batismo, juventude, conversão, pobreza

ABSTRACT

It narrates the life of a man who was born to be a saint. Since his birth and baptism, unusual and extraordinary facts are narrated, signaling an indication of a future full of unusual events. Normally elapsed life until reaching adulthood, when a journey begins committed first to fulfilling the dream of heroism in wars, of becoming a nobleman, everything as is common in the life of a young person. Later after failures in battles, illnesses, and supernatural warnings through dreams and visions, despite being baptized and attending the Church, he was not a Christian fully converted to the dogmas of Catholicism, after conversion, he began to dedicate himself exclusively to the proclamation of the Gospel to the poor, the marginalized and the sick. Know the trajectory of São Francisco de Assis in his passage through this life and nuances that occurred during his earthly existence. Search in books, scientific papers, biblical and theological literature and internet.

Keywords: birth, baptism, youth, conversion, poverty

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	9
2 – NASCIMENTO	10
3 – BATISMO	13
4 – INFÂNCIA E JUVENTUDE	14
5 – CONVERSÃO	19
6 – POBREZA: OPÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS	29
6.1 – Dinheiro	32
7 – CONCLUSÃO	35
8 – REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Desde o nascimento do pequeno Giovanni, nome recebido na pia batismal, escolhido pela mãe para o primogênito dos Bernardone, já era possível prevê que algo diferente iria ocorrer na vida daquela criança.

A partir dos primeiros dias da concepção do nascituro a senhora Bernardone, pressentia que alguma coisa de especial iria ocorrer com aquela vida que carregava em seu útero. Sonhos envolvendo a gestação durante todo o período de gravidez, causava-lhe sensações boas sobre o futuro da criança que iria nascer, fazendo-a acreditar que esta criança estava predestinada a tornar-se uma personalidade importante que traria inúmeros benefícios.

Para muitos ele foi a maior figura e aquela que surgiu com maior destaque do cristianismo, ficando atrás, apenas de Jesus Cristo. Ele foi uma luz que veio brilhar sobre o mundo. Era um ser humano admirável em todos os sentidos,

Mansidão, gentileza, paciência, afabilidade mais que humana, liberalidade que ultrapassava seus recursos eram sinais de sua natureza privilegiada que anunciavam já uma efusão mais abundante ainda da graça divina nele. De fato um cidadão de Assis, homem simples do povo, que parecia inspirado por Deus, tirou o manto ao encontrar Francisco em Assis e estendeu-o sob os pés do jovem afirmando que um dia ele seria digno do maior respeito, que em breve realizaria grandes feitos e mereceria dessa forma a veneração de todos os fiéis.
(LEGENDA MAIOR – Cap. I, nº 1)

Descrever sobre a vida de um homem que tanto fez pelo bem de pobres, injustiçados, marginalizados, doentes e famintos, que muitos conhecem por ouvir dizer ou através de filmes é uma tarefa que torna-se facilitada por instigar a curiosidade não só de quem escreve sobre ela, mas de todos os interessados em conhecer a vida dos santos.

Logo nos primeiros sintomas da chegada da criança ao mundo percebeu que se confirmava as suspeitas que a senhora Bernardone sempre teve durante os nove meses de sua gestação, tudo que sonhara agora fazia sentido, as dores intensas, a dificuldade no parto e a necessidade da transferência seu confortável aposento para um ambiente simples junto aos animais provocado por uma irresistível vontade que não foi capaz de dominar.

A mãe acreditava que por tudo que lhe havia ocorrido o menino queria nascer como nasceu Jesus Cristo, em um ambiente rodeado de animais e da mais completa simplicidade, afastado do conforto e da riqueza.

Estes acontecimentos somados aos sonhos que sempre foram revelados a sua amiga e criada foram os motivos que levaram a ambas acreditarem que nascia naquele momento um menino diferente, não por ser portador de algum sinal estranho ou defeito em sua aparência física, mas talvez um futuro santo ou algo semelhante.

Cabe ressaltar que essa pesquisa não pretende encontrar nada de novo sobre a vida do santo. Tudo já foi relatado por vários autores que escreveram sobre ele. A finalidade é apenas, conhecer uma pequena parte da história de um homem admirado e venerado, que veio ao mundo para fazer o bem, servir de exemplo de humildade, de fé, de caridade, de generosidade, de desprezo pela riqueza material e de entrega desinteressada ao serviço missionário.

2 NASCIMENTO

Em 1181 ou 1182, nasceu na cidade de Assis Francisco que na pia batismal recebeu inicialmente o nome de Giovanni, que em português quer dizer João, escolhido pela senhora Bernardone, sua mãe. Batizado na ausência do pai, que encontrava-se fora da cidade tratando de interesses de sua atividade comercial.

A chegada do futuro santo ao convívio com a realidade do mundo de sua época, ocorreu acompanhada de fatos curiosos e inusitados. Conta uma tradição, que bem depois do seu nascimento, por volta do século XV, a seguinte história: considerada verídica.

Que tendo chegado ao termo da sua primeira gravidez, a senhora Bernardone, sofreu muito antes de poder dar à luz. Mas eis que um peregrino bate à porta da casa e diz à criada que o atendeu, que o parto só se daria quando a parturiente fosse transportada do seu quarto suntuoso para o estábulo da casa e aí a deitassem numa manjedoura, em cima da palha. Assim se fez; e, mal tinham acabado de instalar a doente, esta soltou um grito angustiado do parto, e deu ao mundo um filho, cujo primeiro berço – como outrora o de Jesus, foi um leito de palha dentro de um estábulo (JOERGENSEN, 2016. p.16/17).

Apesar de Tomás de Celano, bibliógrafo responsável em descrever a trajetória da vida de São Francisco não teve o cuidado de pesquisar toda a sua vida, desde a gestação até a morte. Outros autores como São Boaventura, Chiara Frugoni foram pelo mesmo caminho e também omitiram este assunto. Johannes Joergensen, relata que embora, vários biógrafos não priorizassem abordar nada sobre o nascimento, o batismo e os primeiros dias de vida do santo. Os indícios de fatos anormais trazido através de gravuras e narrativas do historiador Sedulius existiram.

Diz Joergensen, que o artista gráfico e pintor Benozzo Gozzoli, “pintou nas paredes da igreja de São Francisco de Montefalco o nascimento do santo num estábulo” Também o professor e comentarista das Escrituras irlandesa Sedulius, autor de uma História Sérafica afirma que viu este antigo estábulo em Assis, atualmente transformado numa capela onde se pode lê ainda hoje em Assis, a seguinte inscrição: “Esta capela foi o estábulo do boi e do burro, em que nasceu São Francisco de Assis, o espelho do mundo” (SEDULIUS, Apud, JOERGENSEN, 2016, p, 17).

Esta capela, segundo a história, fica próximo da casa onde São Francisco nasceu. Os Bolandistas, um grupo de jesuítas, cujo nome homenageiam um padre belga de nome Bolland, acham que ela pode ter abrangido parte da antiga casa de Piedro di Bernardone, onde, segundo a história, o santo viveu até o início de sua conversão. Neste local atualmente encontra a *Chiesa Nuova* (Igreja Nova). Ponto turístico da cidade de Assis.

André Vauchez, relata em sua obra que o livro das *Conformidades* de Bartolomeu de Pisa, aprovado pelo Capítulo Geral franciscano de 1399, apresenta em torno de nove semelhança entre São Francisco e Jesus Cristo, dentre estes relatos existe um sobre o nascimento de Francisco, parecido com o transcrito anteriormente, deixa apenas de lado o peregrino e menciona uma vontade irresistível que não pode dominar e, só depois de instalar-se na estrebaria sua tormenta mental desapareceu, com base nessa narração tudo leva a crer que a criança queria nascer no estábulo como ocorreu com o nascimento do menino Jesus. “Assim, segundo essa obra, Francisco teria vindo ao mundo num estábulo e teria sido colocado em uma manjedoura” (PISA, B. Apud, VAUCHEZ, 2009, p, 264).

João Nunes Maia, é outro autor que também escreve sobre o nascimento do futuro santo. O que descreve sobre os acontecimentos anteriores a chegada do menino é semelhante ao relato narrado por Joergensen, omite apenas a presença do misterioso peregrino, mas confirma a mudança da residência para a estrebaria.

A Senhora Bernardone, ao sentir que a natureza estava prestes a apartar seu filho de suas entranhas, não desejando permanecer no luxo da mansão, fez com que Jarla a levasse para a estrebaria, para que seu filho nascesse na simplicidade da pureza dos animais, quase se repetindo o quadro do nascimento de Jesus. (MAIA, 2019, p. 144).

A senhora Bernardone, movida por vários sonhos que tivera durante o período de gestação em que algo diferente levava a acreditar na necessidade de deixar seu higiênico e confortável aposento familiar, onde certamente o parto ocorreria com mais

conforto, no entanto, a vontade era tanta, que sentia uma espécie de tormenta mental: como se esta mudança fosse uma exigência do pequeno que preferia vir ao mundo do mesmo modo que Cristo veio, ou seja, numa estrebaria. “Parecia Pedro (Piedro di Bernardone), que o menino queria nascer lá, como ocorreu com Nosso Senhor Jesus Cristo, isso não é uma honra para nosso filho e para nós?” (MAIA, 2019, p. 147).

Mesmo tendo a mãe de Francisco todas as condições de ser assistida por um profissional especializado em partos e em local seguro e higiênico, a senhora Bernardone, diante do sofrimento e das fortes dores que antecede o nascimento de um bebê era ainda, atormentada por um sentimento estranho, como se uma força sobrenatural pedisse sua transferência para o local reservado aos animais. Ajudada pela criada transferiu-se para o estábulo onde nasceu a criança. “Nascia Francisco, como Jesus, na pureza da natureza e na companhia singela dos animais” (MAIA, 2019, p. 145).

Ao ouvir o primeiro choro da criança a mãe chorando de alegria, indaga a sua serva e companheira fiel, quem chegou para nos visitar? A criada muito emocionada disse-lhe tratar-se de um menino. Em lágrimas cobriu o de beijos mesmo antes de fazer a primeira limpeza e chorando de emoção, antes de levar à criança a mãe, ajoelhou-se e ergueu o pequenino aos céus, e pronunciou o seguinte:

“Deus de bondade e de Justiça, de Caridade e de Amor! Eis aqui nos nossos braços, por misericórdia, esta luz que enviaste à Terra, e que, para felicidade minha, encontra-se apoiado em minhas frágeis mãos, e na tutela dos Bernardone. Abençoa, Senhor, o roteiro desta alma, que os nossos corações cismam que será espinhoso. Permita que ele carregue a sua cruz, que a inspiração nos diz, será pesada, até o “calvário”, e que distribua aos famintos de Amor, o pão da vida e a água do entendimento, fazendo com que os homens compreendam o valor da vivência evangélica!

Permita, Artífice da Vida, que em teu nome, na minha grande ignorância, peça aos deuses da Terra cooperação para este que acaba de chegar como lábaro tremulante, onde se lê claramente em letras de luz: Paz e Amor... Entrelacemos as mãos, Anjos da natureza, em nome de Deus de Amor e do Cristo, para que se cumpra a vontade dos céus, de aliviar os sofrimentos dos homens. E se não for muito, quero te pedir meu Deus, que nos ajude a compreender essa alma, que já se identifica como de concórdia e de luz!” (MAIA, 2019, p. 145/146).

O Pai ao retornar e receber a notícia do nome escolhido pela mãe o desagradou e categoricamente afirmou não ser possível concordar que a criança se chamasse João, mesmo porque já havia firmado compromisso moral a tempos atrás sobre o nome do seu primogênito.

A mudança do nome Giovanni para Francisco ocorreu logo após o retorno do senhor Piedro di Bernardone, pai do pequeno, nascido durante sua ausência. As

razões que levou a mudança do nome não se sabe, são apontadas diversas razões: pode ser pela admiração que sentia pela França, ou também por pretender homenagear a esposa, de origem francesa. Talvez quisesse com esse ato protestar contra o nome escolhido pela companheira. Outra hipótese seria em cumprimento de uma promessa feita depois de um sonho ocorrido, ainda na sua juventude de que daria ao seu primogênito o nome de Francisco, narrado por ele, que ao se ver enfermo de doença incurável, um anjo de nome Pai Francisco, impôs as mãos sobre seu corpo curando-o instantaneamente.

Fala-se também, apesar da ausência de provas, que o pai ao dar-lhe o nome de Francisco seria para desejar ao filho um futuro promissor nos negócios. Especula-se também, que o verdadeiro motivo era porque o senhor Bernardone sentia-se inferior aos antigos nobres e pretendia diferenciar o filho com um nome especial e único de um mercador que por força de muito trabalho enriqueceu negociando tecidos. Na verdade ninguém sabe com certeza os motivos da mudança do nome do primogênito dos Bernardone.

3 BATISMO

Assim como no nascimento, no batismo também ocorreu de modo não convencional. Segundo relata a tradição o mesmo peregrino que aconselhara a mudança da senhora Bernardone, do quarto do casal para o estábulo se encontrava na catedral no dia do batizado da criança, diz ainda que serviu-lhe de padrinho.

Consta ainda, que nos nossos dias encontra-se, guardada na Igreja de São Rufino, uma pedra com marcas parecidas com as pegadas do peregrino, exibida pelo sacristão aos visitantes como sendo dele. Para muitos este peregrino tratava-se de um anjo que tomara esta forma para acompanhar o nascimento e o batizado do futuro santo, enviado por Deus, para ser instrumento de vida, de fé e servir de exemplo para o povo cristão.

Toda essa narrativa tem como origem, antigos manuscritos da *Lenda dos Três Companheiros*, conforme consta no Livro São Francisco de Assis de Johannes Joergesen, denominado *Tres Socci*, cap. 1, n. 2, no manuscrito do Vaticano, 7339, publicado em Pesaro em 1831. Ele conta que depois do batizado do pequeno Giovanni, um peregrino foi até residência onde se encontrava a criança e pediu para

vê-lo. A criada que o atendeu de imediato se negou a satisfazer tal desejo, no entanto, o desconhecido foi claro, disse que não iria embora, antes que seu desejo fosse satisfeito. Comunicada pela criada da atitude irredutível do homem em ver o menino, a senhora Bernardone, ordenou que a criança fosse levado até ele. Ao vê-lo tomou-o nos braços, tal como fizera o velho Simeão com o Jesus e, exclamou: “Hoje, nesta rua, nasceram duas crianças. Uma delas, este menino, virá a ser um dos melhores homens do mundo, enquanto a outra se tornará num dos piores” (JOERGENSEN, 2016, p 18-19).

Bartolomeu de Pisa, um escritor importante, no fim do século XIV, escreveu a obra *Conformitates*, com a finalidade de descobrir semelhanças entre as ações, em defesa dos pobres, marginalizados e a pregação da palavra de Deus de São Francisco e as de Jesus Cristo, representa o ponto alto de sua obra sobre a vida do santo de Assis. Ele em reforço à narrativa sobre o batismo de Francisco, acrescenta que “o peregrino fez o sinal da cruz no ombro esquerdo da criança e recomendou à criada que olhasse bem por ela, pois o diabo havia de fazer tudo para prejudicá-la” (JOERGENSEN, 2016, p. 19). Depois de proferir estas palavras desapareceu e ninguém mais o viu em lugar algum.

4 INFÂNCIA E JUVENTUDE

Filho de família rica, pai comerciante de tecidos. Logo em seus primeiros anos de vida Francisco foi matriculado em uma escola nas proximidades da casa de sua família, junto a igreja de São Jorge, onde segundo a história, São Francisco foi enterrado, destruída anos depois e reconstruída dando lugar na atualidade a capela do Santíssimo Sacramento.

Recebia na escola, Instrução sobre religião e era obrigado a aprender uma nova língua, o latim. Seu livro de leitura era o saltério, uma coleção em latim de vários salmos e orações que os pequenos estudantes eram obrigados a decorar.

A história não comenta, mas provavelmente o menino Francisco, nas horas de descanso das aulas, brincava com seus colegas na praça do átrio em frente. Essa prática de se manter muito tempo fora de casa era comum não só entre as crianças, mas também entre os adultos que passavam várias horas na rua, pois as casas eram pequenas e muito próximas do muro que circundava a cidade, fato que os obrigava a

se manterem na rua por mais tempo. Qualquer espaço vazio fora das habitações eram aproveitados pelos habitantes de Assis, em decorrência dos poucos e diminutos aposentos no interior das residências. “De fato, as crianças e os adultos daquela época passavam muito tempo na rua, pois as casas eram pequenas e oprimidas pelo cinturão dos muros, o que os obrigava a considerar o espaço como algo precioso” (FRUGONI, 2011, p, 18).

Nos primeiros anos de vida do futuro santo, a ligação com a mãe e com a criada eram evidentes, pois era de quem recebia carinho e os cuidados necessário que a idade precisava. Obedecia e respeitava em primeiro lugar sua genitora, também ouvia com atenção os conselhos da amiga fiel da família e responsável pelos trabalhos domésticos da residência, porque eram sábios e sensatos. A senhora Bernadone conhecia muito bem a índole de sua serva, por isso aceitava e até a incentivava que ela aconselhasse o filho e o influenciasse na sua educação religiosa, e na maneira de se relacionar com os mais velhos e com os amigos da sua idade.

Depois dos sete até os catorze anos o pai passou a ter uma certa influência na vida do filho, dividindo-a com mãe. A partir dessa fase, o senhor Bernardone assumiu, quase completamente a direção da vida do filho, pois pretendia fazer dele no futuro um vencedor no campo empresarial.

Ainda muito jovem, incentivado pelo pai, começa a ajudá-lo nos trabalhos da loja, mostrava desenvoltura e qualidades para atividade comercial, era hábil e inteligente, um orgulho para o pai que pretendia torná-lo um rico e próspero negociante. Uma única coisa preocupava o senhor Bernardone a prodigalidade do filho.

Nessa fase da vida, era comum na época os rapazes em idade adulta orientarem os mais jovens sobre a arte da conquista, da sexualidade, das abordagens as jovens, a pronunciarem palavras inadequadas e a praticarem atos inconvenientes e contrários a boa educação. Tomás de Celano, biógrafo designado pelo papa Gregório IX, para descrever a biografia de São Francisco faz apenas um breve comentário sobre o assunto, omitindo os detalhes desse costume impróprio ao convívio social.

“Depois de terem começado a entrar pelas portas da adolescência, o que julgas que eles se tornaram? Então flutuando em todo gênero avançado de dissolução, pelo fato que lhes é permitido realizar tudo o que lhe apraz, com todo gosto se entregam a atos vergonhosos. Assim, pois, tornando-se por voluntária servidão *servos do pecado*, oferecem todos os seus membros como

instrumentos da iniquidade (cf. Rm6, 13.20) e, não trazendo em si nada da religião cristã na vida ou nos costumes, defendem-se apenas com o nome de cristãos” (CELANO, 2019, p, 23).

Todavia o rapaz era dotado de vontade própria e índole sadia incapaz de se corromper por qualquer orientação contrária aos bons hábitos próprios da sua natureza. Depois de alcançar a maioridade, passou a demonstrar as suas aptidões em sentido contrário as do pai, rompe com convenções praticadas na Idade Média, representada pela nobreza, detentores das riquezas, pelo clero detentores de poder e pelos camponeses na sua grande maioria tratados como servos.

Era defensor da justiça e insurgia-se contra a violência transformando-a em mansidão, contra o ódio, transformando-o em amor e contra a usura e a vingança, transformando-as em caridade e perdão, respectivamente. Essa maneira de agir de Francisco diante dos atos que de certa forma eram comuns na sua época, certamente já era um prenúncio da sua santidade.

Os animais também faziam parte do seu desejo em preservá-los e tratá-los bem, desde criança era visto como um admirador deles, encantava-se com os pássaros, com os peixes e com as árvores, era um defensor ferrenho da natureza, reconhecido não apenas durante sua existência terrena, mas esse interesse ultrapassou séculos e chega aos dias de hoje, como um legado lembrado e defendido por nações e associações diversas ao redor do mundo. A preservação ambiental é uma espécie de carro chefe discutida pelos principais chefes de estado e apontada como uma das grandes preocupações em conferências nacionais e mundiais.

O Papa Francisco ao publicar Carta Encíclica *Laudato Si*, além de outros assuntos de que trata a referida Encíclica, presta uma homenagem a São Francisco de Assis pelo seu incansável serviço prestado à preservação da mãe terra, enquanto viveu e pelo exemplo que deixou para as gerações futuras. O Papa, a exemplo do santo de Assis, defende a ecologia em todos os sentidos, fala do clima como um bem comum, da água, pela necessidade de cuidar para que não haja esgotamento, da poluição por ser prejudicial à vida não só do ser humano, mas também de todos os animais, das árvores e de outros problemas que desrespeito à natureza pode causar.

(...) Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. (...) Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo

mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior (Carta Encíclica *Laudato Si*, 2015. 10).

De posse de seu destino interessou-se pela cavalaria influenciado pelo sucesso desse movimento, iniciado no fim do século XII e começo do século XIII, torneios e corridas de lanças eram realizados em Verona e Montferrat na Itália. Francisco sentia-se atraído por estes movimentos e avesso à profissão do pai, envolvido diretamente aos negócios e ao lado financeiro e pouco aos prazeres, ganhar dinheiro era tudo na vida do senhor Bernardone.

O filho, considerado o rapaz mais rico de Assis, tornou-se seu primeiro “estroina”, (pessoa que gasta dinheiro inconsequentemente ou que acaba com seus bens); e comporta de maneira leviana e irresponsável. Era hábil em ganhar dinheiro, porém muito vaidoso e hábil em gastá-lo. Reunia em torno de si muitos amigos, como ele jovens estroinas de Assis. Comiam e bebiam em grandes jantares, depois percorriam as ruas da cidade, cantando em altas vozes; divertiam-se em perturbar a noite o sossego dos moradores. O julgamento do principal biógrafo de São Francisco não foi nada educado em relação as atitudes erradas durante parte de sua juventude; dizia ele, que entre todos, ele era o pior, “era quem arrastava os outros e os perdia. Sempre de festa em festa, esta “juventude dourada” de Assis fazia gala de suas Folias” (JOERGENSEN, 2016, p 24).

Na plenitude da juventude em que tudo era permitido na vida de um jovem que desconhecia limites, foi de repente privado por uma enfermidade que lhe angustiou por período considerável. Enquanto durou a doença começou a pensar, sobre coisas diferentes das que estava acostumado a praticar no seu dia a dia empurrado pelos arroubos da pós adolescência.

Logo no início de seu restabelecimento, já andando pela casa com auxílio de uma bengala, saiu e começou a contemplar as redondezas, as belezas dos campos, as culturas de vinhas e todas as outras coisas que eram belas. A partir desse momento, outros pensamentos tomaram conta de suas primitivas ideias, viu como a vida que levava antes era desprezível. Tudo que lhe agradava e era por ele amado não fazia sentido, no entanto, não pensava em abandonar aqueles momentos, pois eram prazerosos e lhe faziam feliz.

Apesar da mudança espiritualmente sentida, ainda continuava vinculado as vaidades e à escravidão do pecado. Mesmo sentindo-se dividido, sentia dificuldade em desprezar os vícios do passado.

Depois de curado da doença volta ao trabalho na loja do pai, ambiente não muito agradável aos seus anseios, porém se destacava no trato com as pessoas e como um negociante próspero. Era bem remunerado pelo que fazia, porém sua facilidade em se desfazer do que ganhava com os amigos e nas festas, preocupava seus pais, inclusive algumas das amigas mais íntimas da senhora Bernardone, sendo as vezes alertada por elas sobre os hábitos do rapaz

Francisco sempre foi educado e respeitador, de nada poderiam censurá-lo, era respeitoso com as mulheres, não admitia que palavras inconvenientes fossem ditas em sua presença e se por ventura ocorressem por algum desavisado, seus gestos de desaprovação eram notados claramente em contrário a desrespeitosa atitude. Sua maneira de agir com as pessoas no geral eram bastante sociáveis e civilizada.

A sua generosidade exagerada, por exemplo com dinheiro não tinha como destino apenas os amigos de festas e banquetes, mas se estendia e alcançava também os pobres, por isso era admirado, não era um estroina detestável e sovina que negava alguns tostões para eles, quando pressentia a necessidade estampada em suas faces.

Em 1160 o imperador, Frederico I – o Barba Ruiva, decidiu retirar do poder de seu tio, Guelfo VI da Bavária, duque de Spoleto e da Tuscia, uma região de importância estratégica, a cidade de Assis e os territórios em seu entorno, sendo delimitado um condado e confiado à própria Assis, a qual, lança as bases de suas instituições comunais.

“No entanto, o império continuou a ter em Assis uma presença visivelmente ameaçadora, a saber, a grande fortaleza que a protegia – por autonomasia, “a Cidadela” -, onde morou Barba Ruiva entre 1177 e 1186, como sabemos por três documentos escritos” (FRUGONI, 2011, p.19).

Por volta de 1197 com a morte de Henrique VI, o império italiano entrou em colapso total. Os habitantes de Assis contrariados com essa presença atacaram a cidadela onde se alojava a guarnição alemã e a destruíram. Tensões explodiram entre as camadas sociais da cidade.

“Os *homines Populi*, a plebe e a nova burguesia mercantil, que se insurgiram contra os *boni homines*, os homens de bem e os cavaleiros descendentes da velha nobreza feudal, Parte dos *boni homines* foram mortos, outra parte precisou fugir, os fugitivos tiveram de se abrigar nos castelos dos condados, enquanto suas casas/torres em Assis eram derrubadas e incendiadas” (FRUGONI, 2022, p. 20).

Neste mesmo tempo foi organizada a defesa com a construção de fortes ao redor da cidade, onde ainda muito jovem Francisco tomou parte e aprendeu técnicas de construção civil que lhe foram úteis no futuro. Consta também, que o jovem combateu ao lado do povo, tomando conhecimento ao vivo da violência, das mutilações, do horror dos ferimentos, das mortes de amigos, de crianças e de mulheres.

O conflito não termina por aí, extrapola os limites da cidade. Assis e Perúgia entram em guerra. “Na batalha ocorrida 1203 na ponte San Giovanni sobre o Tibre, terminou mal para Francisco e os habitantes de Assis: capturado com vários concidadãos, ele acabou nos cárceres inimigos, onde permaneceu por mais de um ano” (FRUGONI, 2011, p. 20).

Depois de liberto retornou à Assis. Na guerra aprendera a manejar armas, e a combater, tanto a cavalo como a pé, no entanto, não podia dedicar-se a essas atividades. Restou-lhe voltar ao trabalho na loja do pai, apesar de contrariado, pois pretendia mudar de vida e de classe social por meio de conquistas em combate.

Os mesmos hábitos que teve no passado foram resgatados. Todavia sentia que não era o mesmo jovem alegre que promovia e participava de grandiosas festas e banquetes na companhia de seus companheiros, algo diferente no seu íntimo cobrava uma mudança de atitude, nada daquilo que no pretérito lhe satisfazia e lhe deixava feliz tinha importância

Francisco “a miúde perdido em meditações, parecia ausente e mantinha misteriosos propósitos de um próximo casamento com uma noiva mais nobre, mais rica e mais bela que todas as mulheres que conhecera” (VAUCHEZ, 2009. p. 46). É possível que não tivesse consciência se essa noiva se tratasse de uma jovem ou se a Igreja fosse a noiva imaculada que Deus colocou em seu caminho.

5 A CONVERSÃO

Estabelecer o conceito de conversão relacionado ao aspecto religioso, é preciso, tendo em vista que, nesta hipótese a atitude da pessoa convertida sofre uma mudança brusca, o estilo de vida é mudado radicalmente. Essa conversão influi diretamente na personalidade da pessoa, seu modo de agir e de se comportar no ambiente familiar e externo é notado por todos ao seu redor. Diferentemente de outros tipos de conversão como por exemplo a conversão a direita e a esquerda, comum no trânsito das grandes cidades, ou a que ocorre em texto escrito em word convertido para PDF e vice e versa. As duas situações exemplificadas servem como um indicativo de que conversão humana é diferente de outras conversões.

Segundo o Pe. José Comblin (2018), conceito de conversão se diferencia de outros pensadores não importando se católicos ou protestantes. “Pois para ele a conversão leva a pessoa ao movimento de cooperar com o necessitado e este movimento pode ser denominado Reino de Deus” (PARALELLUS- Revista Eletrônica, 2018, p. 2). Tal transformação leva o indivíduo humano a se tornar diferente e mudar de atitude em relação ao seu semelhante e ter outra visão de mundo. No seu artigo, Comblin ensina que:

O convertido assume como desafios para sua própria vida lutar pela justiça com base no Reino de Deus. A pessoa se transforma em promotor do Reino e da justiça por encontrar com o Cristo e, assim, modifica a maneira de viver segundo as atitudes e ensinamentos de Jesus”. (COMBLIN, 2018. P. 3).

Definir conversão religiosa nunca deve ser negligenciada ou deixada em segundo plano, pois trata-se de esclarecer a mudança brusca de atitude da pessoa que se converte, antes ligada a interesse próprio, por uma mensagem libertadora que considera o amor ao próximo, seja ele, amigo ou inimigo essencial em sua caminhada para Jesus Cristo. O pobre e o injustiçado deve ser para os que se convertem a Deus uma prioridade, a caridade orientadora de seus passos e a generosidade o caminho para se alcançar a salvação.

William James, no livro Variedades da experiência Religiosa – um estudo sobre a natureza humana, define assim a conversão:

“Converter-se – escreve ele -, “regenerar-se, receber a graça, sentir a religião, obter uma graça, são tantas outras que denotam o processo, gradual ou repentino, por cujo intermédio um eu até então dividido e inconscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado conscientemente certo, superior e

feliz, em consequência de seu domínio mas firme das realidades religiosas. (JAMES, 1991, p. 166).

Não há dúvida que na visão do Pe. Comblin e William James sobre o que significa conversão religiosa em termos gerais, quer acreditemos ou não, ocorre uma intervenção divina na vida do convertido de tamanha intensidade, capaz de transformar um estilo de vida em outro, mais caridoso, humilde e respeitoso.

A conversão, por conseguinte, significa a ruptura de um estilo de vida, ou seja, de um tipo de atitude para outro, consentido pela graça divina. São Francisco se adequa totalmente à definição de conversão teológica, segundo Comblin (2018) e William James (1991), mesmo antes de sua conversão, as atitudes generosas, seu interesse pelos mais pobres, seus atos de caridade, as orações solitárias são ações que o credencia como um bom cristão que veio ao mundo com um plano de santidade traçado por Deus.

Não se pode ignorar que a divina graça de Deus que agiu no momento do seu nascimento, agiu novamente em favor do futuro santo, que na época não tinha consciência da tarefa planejada pelo Altíssimo para sua passagem pela vida terrena. Continuava perdido, sem saber se investia em seu sonho de se tornar um nobre por meio de combates militares, ou se assumia o que menos lhe agradava, a profissão do pai, comerciante de tecidos. Não tinha certeza de nada, não sabia qual caminho seguir.

A intercessão do Senhor foi providencial, quando o fez cair no seu leito acometido por uma grave enfermidade, privando-o de sua intenção inicial de ingressar na cavalaria, influenciado pelas circunstâncias do ambiente social da época, pela sede de aventuras e pelo entusiasmo próprio da juventude. A doença se estendeu por um período razoável e serviu para que raciocinasse sobre os rumos que escolheria para seu futuro, tão cheios de incertezas. A profissão do pai não lhe interessava, as inverdades que se praticavam nas negociatas em busca de mais lucro não o agradava, a percepção em conquistar fama e tornar-se um nobre na cavalaria era uma possibilidade atraente, de outro lado algo diferente ligado a religião tomava conta do seu íntimo, por mais que tentasse se livrar desse pensamento mais forte ele voltava como se fosse uma espécie de convocação de Deus.

A doença foi o remédio amargo usado por Deus para impedi-lo de enveredar pelo caminho do erro e também como uma barreira de contenção oportuna para evitar

que o seu sonho de infância se enraizasse em seu íntimo ou até mesmo se concretizasse. O Profeta Oseias em um contexto semelhante, proferiu as seguintes palavras: “Portanto, eis que cercarei o seu caminho com espinhos; e erguerei uma muralha contra ela, para que não consiga encontrar suas veredas” (Os 2, 6).

O início da conversão de Francisco se manifesta quando analisa as relações entre o seu pensamento interior e suas atitudes exteriorizadas e prefere optar por renunciar ao dinheiro e aos bens materiais. Tudo começa quando antes da partida para guerra na Apúlia, encontra um cavaleiro, usando trajes muito pobre e dá-lhe a sua capa, gesto que o compara a um novo São Martinho, comparação contestada: “E Tomás de Celano, que não resiste à comparação, deixa claro que o gesto de Francisco é superior, porque Francisco deu sua capa toda, enquanto Martinho dela não tinha dado senão a metade” (LE GOFF, 2021, p. 64-65). A contestação de Celano é oportuna para trazer a verdade sobre as doações: São Martinho doa a metade da capa, enquanto Francisco, que doa toda capa.

Antes da viagem a Apúlia, Francisco sonhou com a vitória e com um palácio muito bonito cheio de armas de guerra e uma noiva belíssima. Ao despertar, julga que aquela visão é um presságio de prosperidade e que sua ida a Apúlia será exitosa e lá certamente conquistaria o tão sonhado grau de honra da cavalaria. “Não sabia o que dizer (cf. Mc 9, 5) e ainda desconhecia completamente a tarefa que lhe fora dada no céu” (CELANO, 2018. p. 26).

Logo ao chegar em Spoleto, “Francisco foi novamente tocado por aquela mesma mão que já uma vez o tinha atirado para o leito de doente, para obrigá-lo a refletir e a entrar dentro de si” (JOERGENSEN, 2016, p. 39). Uma febre enviada pela providência divina o obrigou a recolher-se, até que o incômodo por ela provocada desaparecesse. Enquanto se encontrava entre o sono e a vigília, ouve uma voz que lhe perguntava onde pretendia ir? “A Apúlia para ser armado cavaleiro, responde o doente, mas diz-me, Francisco – prossegue o interlocutor invisível - qual te parece que pode ser mais útil: o Senhor ou o Servo? O Senhor” (JOERGENSEN, 2016. p. 39). Naquele mesmo momento entendeu de onde procedia aquela voz e como fez São Paulo quando da sua conversão, exclamou: “Senhor, que queres que eu faça” (JOERGENSEN, 2016. p. 39). Foi orientado pela voz que retornasse a sua terra e lá teria a resposta.

Depois de invocar a misericórdia do Senhor como sempre fazia percebeu claramente o que devia fazer. Desistiu de ir a Apúlia, com a promessa de fazer em Assis coisas mais nobres e maiores, entregando-se de corpo e alma à propagação dos ensinamentos de Cristo para todos.

Ao retornar aquele alegre folião de épocas passadas, as vezes encontrava-se perdido em meditações e orações. Em seu coração emerge a vontade de multiplicar o valor das generosas esmolas que em segredo dava aos pobres e necessitados.

Aqueles momentos de prazeres na companhia dos amigos não lhe dizia mais nada. As festas, os banquetes e as cantorias em vez de trazer alegria, o direcionava a outro estilo de vida, via-se em si próprio uma criatura desprezível, tudo que faz para dar vazão a estes prazeres acha mesquinho e contraria enormemente o presente sentimento que tomou conta de sua alma.

No seu íntimo sente que outra vida o espera. Não entende o motivo, mas a única coisa que sabe é que uma repentina mudança ocorreu. Acredita com toda certeza que algo mudou e pra melhor, pois interiormente um sentimento de alegria toma conta de si, a sua consciência encontra-se mais leve e livre de preocupações.

Durante esse processo de transformação íntima, dirige-se em peregrinação a Roma, chegando lá um fato o impressiona, a ínfima quantia depositada pelos fiéis no túmulo de São Pedro, Francisco ao contrário colocou todas as moedas que trazia em sua carteira, pois achava que o patrono da Igreja era merecedor.

Depois da visita à Igreja, trocou com um mendigo suas roupas e foi pedir esmolas em francês para não ser reconhecido nem compreendido e com isso, elevar o poder da piedade e da caridade. Elo que liga o desejo do santo, ainda inconsciente, pela pobreza e uma das tentativas dolorosas em busca do almejado caminho traçado por Deus, desde o seu nascimento.

Não é possível, ainda falar em conversão, não estava pronto para assumir as causas do Evangelho de acordo com as exigências de Cristo, pois em seu íntimo restava resquício do passado recente entre amigos, das festas, dos banquetes. De uma coisa tinha certeza, da mudança de opinião entre o seu ideal primeiro em tornar-se um brilhante cavaleiro reconhecido pela nobreza à uma vida pobre alicerçada na palavra de Deus.

Sente que interiormente uma transformação impensada e não esperada, surge repentinamente. Sensações novas, revelações antes desconhecidas, aparecem em

seus pensamentos, ocasionadas por diferentes reações, uma espécie de sofrimento físico provocados por exaltação descontrolada e profunda de origem desconhecida. Busca na oração e em isolamento alcançar algum conforto espiritual e a serenidade perdida, mas nem assim conseguia ter paz.

A visão de um corcunda que vivia em Assis vinha com frequência à sua memória o ameaçando de que se não mudasse de opinião em relação as suas atitudes mundanas teria o mesmo fim do corcunda, mesmo assim, Francisco hesitava, receoso de ser desprezado pelos amigos.

Uma crise depressiva o atormentava muito, possivelmente proveniente da confusão mental provocada pela ânsia de encontrar um caminho que fosse capaz de aliviar o estresse meditativo inerente à busca de preenchimento do espaço vazio que até aquele momento fazia parte da sua trajetória. Ainda não havia descoberto o que devia fazer para que a sua vida tivesse algum sentido.

Essa busca carregada de incertezas o angustiava muito, pois não sabia se sua escolha seria entre o Evangelho que possibilita paz interna ou os prazeres que o poder econômico oferece em abundância, para aquela era atraído por uma força estranha, enquanto que para esta, sente uma enorme aversão, mas as vezes é tentado pelo sucesso e as facilidades que a riqueza traz.

Sentia-se pressionado por uma força interior enorme não sabia se fazia opção pelos prazeres mundanos ou se os desprezava e seguia o caminho que leva a Deus, mostrados através de sonhos e visões.

A libertação desse sofrimento veio depois de muito meditar e de uma ação divina que intervém repentinamente em seu interior e o transforma bruscamente, direcionando sua vida em favor dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Para André Vauchez, Francisco, acredita que essa transformação ocorreu depois do encontro com um leproso, diz ele:

O Senhor quis dar-me a sua graça a mim para que começasse a fazer penitência as seguinte forma: quando eu estava em pecados, parecia-me muito amargo dar com os olhos em leproso; mas o mesmo Senhor, um dia, me conduziu ao meio deles e com eles usei de misericórdia (...) e, em seguida, passado algum tempo, saí do mundo (2013, p. 47).

A lepra sempre foi uma doença condenada, na antiguidade era chamada de praga dos deuses. Na Idade Média a lepra era uma doença que condenava a pessoa

portadora dela, a uma vida de degredado, um pária da sociedade, as autoridades públicas os encarceravam em vilas e hospícios, os quais, eram cuidados e alimentados por leigos caridosos. Era comum os portadores dessa doença se juntarem e formarem uma comunidade dirigida quase sempre por um religioso.

O encontro de Francisco com o leproso o fez mais humano e conhecer o significado da palavra misericórdia. Despertou em si um sentimento de caridade manifestado pela infelicidade daquele homem, rejeitado pelas pessoas e obrigado a uma vida semelhante a de um prisioneiro.

Inspirado pelas palavras de Cristo nas Bem-aventuranças: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7), Francisco, a partir daí começou a aplicar na prática a misericórdia aos mais pobres, aos peregrinos, aos enfermos e prisioneiros e iniciar sua caminhada para conversão.

A providência divina se encarrega de guiar Francisco para a santidade. O encontro com o leproso, tipo de enfermidade que sentia nojo e repulsa, foi o primeiro de dois acontecimentos responsáveis pela sua conversão. Assim foi narrado esse bendito encontro: “Então, um dia, enquanto cavalgava pelas redondezas de Assis, ele encontra um leproso; consegue se dominar, apeia do cavalo, dá-lhe dinheiro, beija-lhe a mão, aceita ser abraçado” (FRUGONI, 2011, p. 26).

Esse encontro foi o primeiro passo para o completo rompimento com o passado. Foi um processo lento, cheio de ocorrências excepcionais e de sofrimento. Durante essa fase de incertezas, Tomás de Celano, conta sobre uma gruta, onde com frequência Francisco ia rezar, ora sozinho ora com um amigo, todavia sempre encontrava uma desculpa para entrar sozinho na gruta. Lá improvisou um oratório, local perfeito para chamar e interrogar o Pai celeste sobre o que desejava que ele fizesse. Neste ambiente solitário, era comum intimamente lembrar das palavras do salmista, que exprimem a essência da verdadeira adoração: “Senhor, mostrai-nos os vossos caminhos e ensinai-nos a perfeição dos vossos atalhos?” (SALMO, 24, 4).

Foram tempos dolorosos para o santo, o afastamento da família, principalmente de sua mãe e a despedida dos amigos e da vida de prazer. As vezes escondia-se nos eremitérios para orar, outras vezes ocupava-se na reconstrução das igrejas. Estas duas atividades foram as precursoras da sua renúncia à vida mundana e de entender com clareza as intenções de Deus a seu respeito.

Revela ao amigo que o acompanhava à gruta, que algo incomum vem aos poucos transformando sua vida, pois não lhe agrada mais como antes a presença dos amigos. Afirma que ser o chefe da juventude de Assis não lhe traz alegria d'alma, mas frustrações, prefere a oração em locais solitários. Pressente que uma nova vida se aproxima de si, sente que existe alguma coisa diferente, que existe alguma coisa no seu subconsciente que muito almeja, porém a incerteza e a confusão mental prevalecem sobre sua vontade, talvez um tesouro que tenha relação com a religião, segreda ao amigo e confidente.

O segundo fato responsável pela escolha definitiva por Jesus Cristo, ocorreu semanas depois do encontro com o leproso, quando ao entrar na Igreja de São Damião, para rezar, situada próximo às muralhas de Assis, e ao ajoelhar-se em frente ao um crucifixo de madeira, ouviu uma voz que lhe dizia: “vai Francisco e repara a minha casa que ameaça ruína” (Vauchez, 2013, p. 50).

Outros autores reforçam a narrativa de André Vauchez sobre as palavras que, segundo a Legenda dos Três Companheiros, brotam do interior do futuro santo, não como afirma Tomás de Celano, que o crucifixo falou. Segundo São Boaventura a cena teve o seguinte desfecho: “subitamente ouviu uma voz que vinha da cruz e lhe falou por três vezes: “Francisco vai e restaura a minha casa, vê que ela está em ruínas” (SÃO BOAVENTURA, 2016, p. 19).

Esse extraordinário acontecimento o deixou muito atordoado diante da imagem de Cristo na cruz, pois nada daquilo fora antes presenciado por nenhuma pessoa. Isto, porém, foi o elo que faltava para o estabelecimento de um sincero e puro relacionamento entre Deus e ele a ponto de mudar completamente sua vida, antes ainda, cheia de incertezas.

Estes dois acontecimentos: o encontro com o leproso e a voz diante do crucifixo na Igreja de São Damião selaram definitivamente a conversão de Francisco e alterações profundas em seu modo de agir perante a comunidade assisense.

Depois da ocorrência desses eventos os momentos de prazeres que disfrutava na companhia dos amigos não lhe dizia mais nada. As festas, os banquetes e as cantorias pelas madrugadas nas praças da cidade, em vez de trazer-lhe alegrias o decepcionava e o direcionava rumo a outro estilo de vida. Via-se em si, uma criatura desprezível. Tudo que fez antes e vem fazendo como divertimento é mesquinho e vai contra um novo sentimento que tomou conta de sua alma.

No seu íntimo sente que outra vida o espera. Não entende o motivo, mas a única coisa que sabe é que uma repentina mudança ocorreu. Acredita com toda certeza que algo mudou e pra melhor, pois interiormente um sentimento de alegria toma conta de si, a sua consciência encontra-se mais leve e livre de preocupações.

Aqui já tinha certeza do que queria fazer de sua vida, pregar o amor, a caridade, a palavra sagrada de Jesus e dedicar-se humildemente aos pobres, doentes e marginalizados.

O futuro santo, diante do pedido para que reconstruísse a sua Igreja e tê-lo interpretado, pensando pelo lado material e não divino sentiu-se na obrigação de atender a inusitada solicitação vinda da cruz de Cristo.

Angustiado com a situação de pobreza do pároco responsável pela Igreja de São Damião e a deterioração do prédio, apodera-se, sem autorização, de algumas peças de tecidos na loja do pai e vai a Foligno, vende a mercadoria, inclusive o cavalo que lhe serviu de transporte e oferece ao padre o montante apurado com a venda dos tecidos e do cavalo. Instantaneamente o sacerdote assustado negou-se a recebê-lo, pensando está sendo enganado e também por temer a reação dos parentes. Como esse valor não era de interesse de nenhum dos dois, foi jogado em um canto pela janela da igreja. Em seguida Francisco pediu ao padre que o recebesse como hóspede em sua residência. O padre concordou com o pedido, permitindo que morasse com ele pelo tempo que necessitasse.

O pai furioso pelo desaparecimento da mercadoria procura Francisco por toda cidade para ter de volta os produtos retirados da loja sem sua permissão ou ser ressarcido do prejuízo.

Inicialmente ele se esconde em uma construção abandonada, posteriormente decidiu assumir o erro e se responsabilizar pela retirada das mercadorias da loja do pai e aparece aos habitantes da cidade, desnutrido, pálido e, justifica-se dizendo estar neste estado em decorrência da ociosidade e da preguiça. É ridicularizado pela comunidade local, chamam-no de louco e o apedrejam.

As atitudes de Francisco nesse período de sua vida deixa envergonhado seu pai, que ao encontrá-lo leva à força para casa, o acorrenta e o prende em uma das dependências da residência. Depois de alguns dias a mãe angustiada com o sofrimento do filho na prisão, aproveita a ausência do pai e o liberta.

Francisco, de posse da liberdade, sai de casa e pede abrigo ao bispo da cidade. O bispo o abriga e passa a ser a principal testemunha da ruptura de Francisco com a família, com os amigos, com as diversões e com o pecado. Não pretende retornar ao convívio familiar nem participar das festas com os amigos, sua preferência é dedicar-se à palavra de Deus.

Encontrando-se livre da prisão, castigo imposto pelo pai, e consciente da escolha pela propagação do Evangelho, elege como prioridade, auxiliar os doentes, os pobres e os injustiçados, como um dos principais objetivos. Amparado pela fé em Cristo, troca uma vida de conforto patrocinada pelo dinheiro e opta pela pobreza material

Ao retornar o pai, não encontrando o filho na prisão, reagiu mal à libertação e cheio de ódio saiu à sua procura para trazê-lo de volta, ou na hipótese de recusa, expulsá-lo para sempre. Francisco convicto da sua opção pelo Evangelho foi ao encontro do pai e disse-lhe que estava disposto, por amor a Jesus Cristo, enfrentar todo e qualquer tipo de provação, era indiferente à prisão ou a qualquer outro tipo de tortura física. Nega-se a voltar para o convívio familiar e para o trabalho na loja da família. Pedro Bernardone, indignado com a recusa de retorno quer ser ressarcido do prejuízo sofrido pela venda dos tecidos retirados do seu estabelecimento sem autorização.

O dinheiro, fruto da venda dos tecidos não aceito pelo padre e jogado em um canto da Igreja de São Damião, foi recolhido e entregue ao senhor Bernardone. De posse do dinheiro, porém não satisfeito levou Francisco a presença do bispo da diocese para que renunciasse sua herança e lhe entregasse tudo que tinha.

Como naquela altura dos acontecimentos já era amante da pobreza, não se opôs e na frente do bispo, confirma o seu desprezo pelos bens materiais e profere as seguintes palavras sobre os bens que eram seu por direito na falta dos pais, que: “Renuncia a todos os seus bens, depois se despe e, nu, manifesta seu despojamento absoluto” (LE GOFF, 2021, p. 66).

Neste mesmo momento, impelido por uma força divina, não se envergonha nem se sente constrangido em despir-se na frente de todos que se encontram no local. Ficando totalmente nu entrega suas vestes ao pai e profere as seguintes palavras: “Até agora chamei-te meu pai, mas de agora em diante posso dizer sem qualquer

reserva: Pai nosso que estais no céu, pois foi a ele que confiei meu tesouro e nele depusitei minha fé” (SÃO BOAVENTURA, 2016, p. 22).

A partir daí faz-se pobre e peregrino e como Jesus Cristo, sofreu fome, frio, incompreensões, abandono do pai, do irmão e dos amigos por amor aos injustiçados, famintos, pobres e marginalizados. Dedicou sua vida em imitar a Cristo em tudo, na pregação da Palavra de Deus, na exortação ao amor, na caridade e na entrega da sua própria vida em benefício da humanidade para atender a vontade do Pai.

Tomás de Celano, reforça a afirmação sobre a imitação de São Francisco a Jesus Cristo, ambos foram humildes, viveram na pobreza e para pobreza, desenvolveram trabalhos semelhantes em benefício do povo, principalmente dos mais pobres, foram exemplo de vida simples, de caridade e de generosidade, foram e são admirados e respeitados, são lembrados e homenageados todos os dias por milhões de pessoas. Celano, foi seguidor de Cristo durante toda sua vida, conheceu São Francisco pessoalmente e foi seu primeiro biógrafo, portanto, é fonte segura para confirmar que Francisco é a “*imitativo Christi*”, sobre ele diz o seguinte:

“Eu considero o bem-aventurado Francisco um espelho santíssimo da santidade do Senhor e imagem da perfeição dele (cf. Sb 7, 26). Eu diria: todas as suas palavras e ações exalam um certo odor divino; (...) ensinamentos à mais alta filosofia”. (CELANO, 2019, p. 148-149).

Esse tema é também tratado por outros biógrafos. Felipe de Azevedo Ramos, em seu artigo, São Francisco de Assis como “*Alter Christus*” pela imitação de Cristo: Fontes e Interpretação, cita a obra anônima de 1318, *Espelho de Perfeição* com abordagem do tema “*imitatio Christi*” escrita com outras palavras, porém o conteúdo tem o mesmo sentido, da versão dada por Celano, apenas aparece como reforço à santidade de São Francisco.

A referida obra citada no artigo de Felipe de Azevedo Ramos, enfatiza “o papel do *Poverello* como modelo, à maneira de um farol que ilumina seus discípulos para a perfeita imitação do Divino Mestre”. (ANÔNIMO, apud, 1318, Cap. V,1 (FF 1685), Ramos, p. 9). Esta afirmação contribui como reforço à santidade de São Francisco e não deixa dúvida sobre o apego que ele nutria pelo seu ídolo, Jesus Cristo, chegando a imitá-lo em tudo, inclusive em relação aos seus seguidores, também enviados para pregar a palavra de Deus.

Em vida foi reconhecido e acompanhado por seguidores fiéis, criou a Ordem Religiosa, dos Frades Menores, hoje Ordem dos Franciscanos e das Irmãs Clarissas, depois da morte foi canonizado e é respeitado não só pelo mundo católico, mas também consegue fascinar muitas outras pessoas de todas as idades e religiões.

6 A POBREZA: OPÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Primeiramente deve-se analisar o termo pobres de espírito constante em algumas versões da Bíblia no Sermão da Montanha: bem-aventuranças. O Evangelho de Mateus fala de pobreza espiritual, todavia há versões da bíblia que omite o termo “pobreza espiritual” e substitui pelo termo “um coração de pobre”. Existem versões que trazem a palavra de Deus, assim: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é Reino dos Céus (Mt 5, 3), é o caso das Bíblias Pastoral e Jerusalém, já a Ave Maria e a Almeida mudam a redação, ambas trazem o mesmo versículo com a seguinte redação: Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos Céus (Mt 5, 3), Lucas diz: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6, 20).

É inegável que muitos discordam do termo, pobres de espírito, vale ressaltar que na maioria das versões bíblicas em (Mt 5, 3) não está escrito pobres de espírito, mas **pobres no espírito, ou um coração de pobre**, termos que aparentemente não admite duplicidade de interpretação, enquanto que o pobre de espírito permite. Este termo pode ter a mesma interpretação dos anteriores, no entanto, pode ser interpretado também como um indivíduo simplório, tolo, ingênuo, idiota, ou até mesmo pode qualificar uma pessoa arrogante, egoísta, diferente de alguém de coração pobre.

Essa passagem do Evangelho é muito confusa e de difícil interpretação, além de permitir dupla interpretação, seria ser melhor compreendida se as explicações dos teólogos fossem feitas em cima dos termos pobre no espírito, ou pobre em espírito, ou como em Lucas “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lc 6, 20). Dessa maneira não haveria discordância e entenderiam que pobre são os desapegados de riqueza material, os que temem a Deus, os humildes, os que passam fome, os sem moradias, os pedintes, nunca os pobres de espírito.

As bem aventuranças descrevem as atitudes que devem estar presentes em nossa vida hoje. O versículo mencionado se relaciona a atitude que cada pessoa interpreta sobre si mesmo.

Ser humilde significa ter uma opinião correta de si mesmo (Rm 12,3). Não quer dizer ser “pobre de espírito” e fraco! A humildade é o oposto das atitudes atuais de autoafirmação e de exaltação. Também não é uma falsa humildade, como aquela que diz: “Não tenho valor algum, não sou capaz de fazer nada”, mas sim uma atitude de honestidade em relação a si mesmo: conhecer-se e tentar ser autêntico para glória de Deus (Wiersbe, 2006, p. 23).

As atitudes de Francisco, um amante da pobreza, desde o início de sua vida pública teve como base a humildade, um coração de pobre ativo, sempre em ação, nunca um pobre de espírito. Não era simplório, nem tolo, ao contrário era um sábio, era assertivo em suas ações, era um líder religioso respeitado. São Francisco era pobre de coração, tinha espírito de pobre, era humilde diante de Deus e das pessoas, mas gigante na defesa dos pobres e dos injustiçados.

Depois de assumir com convicção o Evangelho e dirigir o seu empenho pessoal à serviço do Senhor, procurou imitá-lo em tudo, inclusive na sua opção pela pobreza, dizia ele que Cristo desejou e assumiu os pobres com humildade. Da mesma forma quer o santo de Assis agir e colocar sua vida a serviço do Evangelho, dos doentes, pobres e marginalizados, esta é sua vocação e é isto que pretende fazer

O santo dos pobres recebeu do Senhor o dom da simplicidade, da humildade, da caridade, da doação, e de todo arsenal de generosidade que o amor é capaz de proporcionar ao ser humano, principalmente aos mais necessitados, ao meio ambiente e aos animais. Todos estes dons recebidos dedicou em forma de trabalho em benefício do povo e de um mundo mais justo, como sempre foi desejo de Jesus Cristo em sua curta passagem pela vida pública.

Assim Francisco colocou em prática tudo que aprendeu com a passagem do filho homem entre nós. Ao povo de Deus procurou através de exemplos de doação, não de bens materiais mas de generosidade e humildade, fazê-los entender que para alcançar a pureza de coração é necessário que haja renúncia da busca desenfreada de bens que representem capital financeiro, e motive mudança de reto caminho e venha descambar na prática de atitudes anticristã.

Em nenhum momento Cristo critica o enriquecimento conseguido por meios legítimos ou exagera à pobreza, todavia a dureza de coração dos detentores de

riquezas devem ser desprezadas, uma vez que, ninguém consegue servir a dois senhores, ou se ama o Deus verdadeiro ou as coisas materiais (Mt 6, 24). Ou Jesus Cristo é nosso Senhor ou o dinheiro, a união entre os dois é impossível e desagradável aos olhos de Deus. “Aqueles que ambicionam tornar-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos que precipitam os homens no abismo da ruína e da perdição” (1Tm 6, 9). A riqueza é concedida por Deus para ser usada em sua glória, então nesse sentido é uma benção, porém se usada em outra perspectiva passa a ser uma ruína e caminho para a perdição

A literatura é rica em fatos que ocorreram na vida do santo, inerente aos bens materiais, “este bem-aventurado pai, desdenha as míseras riquezas dos filhos dos homens e, ambicionando o mais alto vértice, cobiça a pobreza de todo seu coração” (CELANO, 2018, p. 169).

Percebe que ela, a pobreza era íntima do Filho de Deus, ele era um defensor ferrenho dos que se abstêm do acúmulo de bens materiais, pois tinha consciência de ser a riqueza a responsável pela dureza de corações e da perdição de muitos.

“Dizia a seus filhos que ela é a via da perfeição, o penhor e a garantia das riquezas eterna. Ninguém tão ávido do ouro quanto ele da pobreza, ninguém mais solícito em guardar o tesouro do que este em guardar a pérola do Evangelho” (CELANO, 2018, p. 169).

São Francisco de Assis, ama tanto a pobreza que orienta aos seus seguidores a desprezarem qualquer espécie de regalias que tivessem origem financeira, viessem de onde viessem, mesmo que adquiridas honestamente. Pensava ele, que a riqueza podia em muitas oportunidades ser motivo de mudança de caráter de cristãos convertidos.

Orientava aos companheiros que deviam evitar moradias suntuosas, deviam fazer opção pela construção de pequenas e pobres cabanas, não fazer uso de utensílios domésticos requintados, preferir leitos e roupas de cama condizente com a vida pobre de um pastor de ovelhas, enfim, deviam evitar todo tipo de confortos exagerados, deviam seguir os passos de Cristo e os imitassem em tudo, na humildade, na generosidade, na caridade, na simplicidade e na pobreza. Francisco incentiva a vida pobre e era um exemplo de pobreza, ele “desde o início de sua vida religiosa até a morte possuiu estas riquezas: a túnica, o cordão e as roupas de baixo; e vivia contente” (SÃO BOAVENTURA, 2016, p. 67).

Sua fixação pela pobreza era tanta que aconselhava àqueles que quisessem ganhar a vida eterna a se desfazer de todo bem material, renunciar as coisas mundanas e também às letras e a ciência. Para Francisco quem faz opção pela pobreza não precisa de muitos livros nem da ciência, a Sagrada Escritura é o bastante, diz ele que “aquele que guarda sua reservazinha de amor próprio no íntimo do coração ainda não renunciou inteiramente ao Mundo” (citado, 2016, p. 69). Era comum em seus sermões aos irmãos citar o Evangelho de Mateus: “As raposas têm as suas covas, e as aves do céu os seus ninhos; porém, o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8, 20).

6.1. O Dinheiro

O dinheiro caracterizado como moeda necessária à troca de quase todos os bens que a vida humana precisa para sua sobrevivência era repudiado por Francisco, para ele nem um cristão precisa deste tipo de recurso para sobreviver.

O seu antagonismo ao dinheiro era tanto que nem as esmolas que pedia deveria ser em espécie e exigia de seus seguidores que também se recusassem a receber qualquer ajuda em moeda. Esta regra deveria ser seguida por todos.

Repudiar o dinheiro tratava-se de uma reação repulsiva da matéria monetária, considerando-a “como pedras e não lhes dá importância maior do que a poeira” (LE GOFF, 2021, p. 199).

A sua paixão por Deus era tamanha, que desprezava categoricamente tudo que fazia parte de coisas mundanas, mas acima de tudo detestava o dinheiro como sendo um dos bens materiais o mais pernicioso, comparando-o com próprio demônio. Fugir dele era uma obrigação de todos os seguidores da Ordem dos Frades Menores. Costumava comparar o dinheiro à coisas desprezíveis.

Num dia aconteceu (cf. Gn 39, 11) que um secular na igreja de Santa Maria da Porciúncula para rezar; como oferta ele depositou um dinheiro junto da cruz. Tendo-se ele retirado, um irmão, tomando-o com simplicidade com a mão, atirou-o numa janela. Chega ao santo o que o irmão fizera; vendo-se ele apanhado em flagrante, corre ao perdão e, prostrado, apresenta-se ao castigo. O santo censura-o e repreende-o asperamente com relação ao dinheiro tocado. Ordena-lhe tomar o dinheiro da janela com a própria boca e depositá-lo com a boca sobre o esterco do burro fora da cerca do eremitério. E enquanto aquele irmão cumpre a ordem, o temor enche os corações de todos os que ouviam. Daí em diante, todos desprezavam mais aquilo que deste modo é comparado ao esterco e se animam a cada dia com novos exemplos ao desprezo dele” (CELANO, 2019, p. 175).

Outros exemplos relacionados ao dinheiro foram sendo dado pelo santo aos seus seguidores. Há um relato em que dois irmãos caminham próximo a um tipo de hospital, ou melhor, um abrigo de leprosos e encontram um objeto, uma moeda ou uma cédula, representativo de valor monetário, discutem se devem apanhá-la e entregar aos leprosos, um deles se nega e lembra ao companheiro que o dinheiro já fora comparado ao esterco e proíbe o irmão de pegá-lo, no que foi desobedecido, mesmo sendo alertado que a irmandade o considerava uma coisa desprezível comparada ao pó, ao estrume animal, ao lixo. Ignora a regra, inclina-se e pega a moeda. O castigo divino foi imediato, a desobediência causou-lhe a perda da fala, só voltando ao estado normal depois de se arrepender do ato insano cometido contra as leis do Pai e jogar fora o causador do castigo.

Tomás de Celano, em outro relato demonstra o quanto São Francisco rejeitava o dinheiro e como era maléfico para os que comungavam com suas ideias, afirma ele que certa vez, “passando com um companheiro pela Apúlia perto de Bari, encontrou no caminho uma grande bolsa, que na linguagem dos comerciantes se chama funda, inchada de moedas” (CELANO, 2019, p. 177). O irmão insistiu que apanhasse a bolsa e dividisse as moedas com os pobres, se recusa e diz que isso não passa de astúcia do demônio. Afastam-se do lugar e continuam a caminhada, porém o companheiro não aceita o motivo da negação do santo e insiste, argumentando que se apanhasse o dinheiro e distribuísse aos pobres estaria cometendo um ato contrário aos ensinamentos de Cristo, mas sim, um ato de caridade. Diante da insistência do irmão, consente em voltar ao lugar, “não para cumprir o desejo (cf. Nm 15,8) do irmão, mas para mostrar ao tolo o mistério (cf. Dn 2,29) divino” (CELANO, 2019, p. 177). Convoca um jovem que se encontrava nas proximidades para testemunhar como se manifesta o segredo da Trindade. Os três retornam ao local onde se encontra a funda, Francisco proíbe aos dois a não se aproximarem da bolsa, enquanto, se retira para orar, ao voltar da oração manda o irmão levantar a bolsa e ao levantar em vez de dinheiro sai uma cobra, deixando o irmão assustado e trêmulo. Assim, o santo mostra ao irmão que o dinheiro para os servos de Deus, nada mais é do que o demônio e uma cobra venenosa.

Depois dessa ocorrência, Francisco seguiu para cidade de Sena em cumprimento a seus afazeres mais urgentes, no caminho outro acontecimento estranho e inusitado lhe ocorreu. Senhoras pobres e muito parecidas em todos os

aspectos, inclusive na idade foram encontrá-lo entre Campliglia e San Quirino e o saudaram com as seguintes palavras: “Seja bem-vinda a Senhora Pobreza” (SÃO BOAVENTURA, 2016, p. 71). Estas palavras serviram de conforto para a alma e o ego do santo amante da pobreza, pois nada lhe seria mais agradável que a saudação destas três senhoras. Logo após a saudação as mulheres desapareceram repentinamente, deixando os companheiros surpresos e curiosos em saber qual o mistério, se tinha relação com a santidade do fundador do Ordem.

Em resposta a indagação Francisco respondeu que possivelmente esta saudação seja um simbolismo perfeito do Evangelho em seu mais belo tripé: a pobreza, a castidade e a obediência que era nato do filho de Deus, que também fora um entusiasta da pobreza.

O desprezo pelos bens materiais era tanto que o santo indignava-se quando via algo com um de seus irmãos que não estivesse de conformidade com a pobreza. Ele desde o momento em que se converteu até o fim da vida, os únicos bens materiais que possuía eram a túnica, o cordão e as roupas íntima, satisfazia-se com isto e vivia contente.

Em seus sermões era comum dirigir-se aos irmãos evocando a pobreza citando a passagem do Evangelho: “as raposas têm as suas covas, e as aves do céu os seus ninhos; porém, o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. (Mt 8,19). Ensinava que os irmãos deviam “comportar-se como os peregrinos e estrangeiros na casa dos outros, ter nostalgia da pátria e irradiar a paz à sua passagem” (SÃO BOAVENTURA, 2016, p, 68).

Francisco fundamentava seus ensinamentos nesta passagem do Evangelho, ele voluntariamente fez opção pela pobreza para ser fiel à trajetória de Cristo na sua passagem gloriosa no meio de nós. Este desejo era transmitido constantemente aos seus seguidores em suas frequentes pregações. Imitar a Cristo sempre foi o seu desejo durante a existência terrena.

Por amor a pobreza São Francisco preferia alimentar-se de esmolas recebidas em mendicância de porta em porta. Ele esmolava e exortava seus irmãos a fazer o mesmo por amor a Deus. Cristo deixou seu exemplo de pobreza e nós irmãos não devemos nos envergonhar dela. Nós a escolhemos como nossa maior riqueza da qual devemos nos orgulhar.

7 CONCLUSÃO

Conhecer a vida de um homem que veio ao mundo, para cumprir uma tarefa programada por Deus, bem antes do seu nascimento, para ser uma imitação de Jesus Cristo em quase todas as ações que praticou depois da sua total entrega a Cristo, sua dedicação em favor dos pobres, dos doentes e dos marginalizados. Mesmo nascendo em um lar rico, preferiu desprezar o conforto que a riqueza proporciona, se fez humilde, para ombrear as mesmas causas, caminhar como Cristo e praticar o bem.

A vida de São Francisco, desde sua chegada ao mundo transcorreu normalmente como ocorre com qualquer ser humano, não obstante, houve momentos estranhos: o nascimento em uma estrebaria semelhante ao de Cristo, a aparição de um peregrino misterioso orientando onde o parto deveria ocorrer e novamente aparecendo no momento do batizado e em seguida desaparecendo sem mais ser visto. Sua participação na batalha em defesa da sua cidade, relatos sobre a prisão, a doença, os sonhos tão claros como se acontecesse quando ainda estivesse acordado, as vozes ouvidas com tanta nitidez, a devolução do dinheiro e de suas vestes ao pai, sua opção pelo Evangelho e desprezo pelos bens materiais, tudo isso fazem parte do corolário dos acontecimentos intrigante e motivo de curiosidade de quem conhece pouco ou quase nada da vida do santo

Na sua caminhada foi crescendo de maneira progressiva na direção da excelência da generosidade, da bondade, da caridade e em virtudes. Sua vida desde o início foi cheia de mistérios, teve visões, fez previsão do futuro, exorcizou demônios, afastou calamidades das cidades, fez sair água da rocha, foi exemplo de piedade, foi reconhecido com excepcional interprete do Evangelho, foi um pregador por excelência, foi um dedicado e exímio missionário e operou muitos milagres.

Durante sua existência terrena e depois dela seus biógrafos narram que foi responsável por muitos milagres, foi exemplo de desapego dos bens materiais e de pretensões inerentes a qualquer vantagem financeira para si e também para a congregação dos Frades Menores por ele fundada. Humildemente renunciou a todo e qualquer privilégio que por direito lhe era cabido por ser o fundador da Ordem dos frades menores em relação aos demais componentes, porém reservou-se o direito de exortar aos seus seguidores a seguirem o seu exemplo de vida.

Para São Francisco, a fraternidade não é uma teoria abstrata, mas um presente concreto de Deus para cada um e para todos. O Pobrezinho de Assis nos lembra, ainda hoje, que não podemos ser verdadeiros irmãos se não nos reconhecermos como filhos de um único Pai.

8 REFERÊNCIAS

BÍBLIA, pastoral. São Paulo: Paulus, 2013.

CELANO, Tomás de. **Vida de São Francisco de Assis**. Tradução de Frei Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MAIA, João Nunes, Francisco de Assis/Miranez; {psicografado por} João Nunes Maia. 36 ed. Belo Horizonte, MG: Fonte Viva, 2019.

FRUGONI, Chiara, A Vida de um Homem: Francisco de Assis, tradução Federico Carotti – São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

JOERGENSEN, Johannes. **São Francisco de Assis**. São Paulo; ed.Cultor de Livros, 2016.

SÃO BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, Legenda Maior, São Boaventura O.F.M. São Caetano do Sul, SP: Santa Cruz Editora & Livraria, 2016.

VAUCHEZ, André. **Francisco de Assis**: entre história e memória. Tradução de José David Antunes e Noêmia Lopes. Porto Alegre: Instituto Piaget. 2009.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento: Volume I/Warren W. Wiersbe; traduzido por Susana E.Klassen. – Santo André, SP: Geográfica editora, 2006.

WEB

https://www.academia.edu/37057561/S%C3%A3o_Francisco_de_Assis_como_alter_Christus_pela_imita%C3%A7%C3%A3o_de_Cristo_fontes_e_interpreta%C3%A7%C3%A3o._Lumen_Veritatis_v._10_n._40_2017_p._265-298

CAPPELLETTI, Paulo. **Conceito de conversão no pensamento de José Comblin**. PARALELLUS, Revista de Estudos de Religião-UNICAP.9.635.10.25247/paralellus.2018.v9n22.p635-651.Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330029420_CONCEITO_DE_CONVERSAO_NO_PENSAMENTO_DE_JOSE_COMBLIN.Acessoem:maio,2021

https://www.researchgate.net/publication/330029420_CONCEITO_DE_CONVERSAO_NO_PENSAMENTO_DE_JOSE_COMBLIN

VATICAN, vatican. **Carta encíclica *Laudato Si'* do santo padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-france>

http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data,_AA_VV,_Fontes_Biograficas_Franciscanas,_PT.pdf

WILLIAM James, *Variedades da Experiência Religiosa-Um estudo sobre a Natureza humana* (https://www.academia.edu/33753994/William_James-Variedades_da_Experiencia_Religiosa_Pensologosou)